**JORNAL DO FÓRUM INTERMUNICIPAL DE CULTURA**

"Inauguração da
Casa do Acervo Afro
Brasileira"
Foto de Sossô
Parma, 1991

O FIC é uma articulação intermunicipal para debater e construir alternativas às políticas culturais visando à criação da esfera pública da cultura. Para isso, vem realizando, em todo o país, encontros, fóruns, seminários, e estimulando ações culturais locais com a participação ativa da sociedade e das comunidades culturais.

Esse conjunto de ações quer promover o desenvolvimento sustentado nas raízes e heranças culturais.

Editorial - Carta da Coordenação

**Salvador,
agosto de 1998.**

Carta Aberta

Caros Amigos do FIC:

O Fórum Internacional de Cultura (FIC) tem se constituído desde a sua fundação em Belo Horizonte (MG) em 1995, numa forte referência para o debate da cultura brasileira e para a intervenção de gestores culturais e grupos de cultura, procurando ampliar o desenvolvimento cultural e humano da sociedade brasileira.

Realizamos com sucesso três encontros - Belo Horizonte (1995), Vitória (1996), Brasília (1997) - enfocando temas vitais para a nossa cultura tais como políticas públicas e cultura, direitos culturais e direitos humanos, diversidade cultural e globalização, entre outros.

Estes encontros e outras ações regionais do FIC mobilizaram milhares de pessoas resultando na constituição de uma rede de cultura em torno de 3000 pessoas.

Para os dias 31 de agosto, 1 e 2 de setembro, programamos um encontro com o tema Herança Cultural e Interculturalidade a ser realizado em Salvador na Bahia.

Em razão das dificuldades em captar o volume de recursos necessários para a realização do encontro, lamentavelmente fomos levados a tomar a decisão de não realizar o IV EIC na data prevista.

Por entendermos a importância da realização do nosso Encontro a Coordenação do FIC se reunirá nos dias 28 e 29 de agosto em São Paulo, onde reprogramaremos a realização do IV EIC e as atividades do Fórum.

Certos de sua compreensão, agradecemos e acolhemos o seu entusiasmo.

Atenciosamente

Coordenação do Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC)
Coordenação Executiva do IV EIC

Entrevistas

I) A Riqueza e a Herança Cultural Indígena

(com Ailton Krenak)

“Nas nossas tribos, nas nossas aldeias a riqueza é sempre vista como alguma coisa que merece ser partilhada. Sempre que a riqueza for um sinal particular, um sinal de ressaltar a individualidade, ela é condenada. Quando começa a haver riqueza individual tem um instrumento muito bacana que é o seguinte: o povo vai identificando o ponto de aglutinação da riqueza o ponto de perigo da riqueza. Aí eles vão lá, cercam a casa daquele cara que está começando a expressar sinais de riqueza excessiva, fazem uma festa e bebem e comem tudo o que o cara tem. A festa vai durar enquanto tiver uma ceroula, uma tanga. Quando terminar a festa aquele cara é o irmãozinho mais humilde, despojado, de toda a tribo. Agora ele vai ser aquele que todo mundo acolhe, dá comida e ajuda, para se reeducar. Tem uma coisa muito interessante nestas cerimônias todas. Tem um mestre de cerimônia, tem um dono da festa. O que foi expropriado da última festa recebe um bastão e vai ser o dono da próxima festa. Ele que levou a maior blitz social estará ligado ao menor sinal de riqueza que ele observar nos irmãozinhos. Cria-se uma eixo de vigilância sobre a riqueza alheia. Esta é uma grande inteligência da tradição”.

- Ailton Krenak é Coordenador do Núcleo de cultura indígena (NCI)

II) Herança cultural e interculturalidade entre os indígenas andinos

(com Luis Revilla Santa Cruz)

Neste depoimento ele fala do Jornal do FIC sobre as características desta cultura, a preservação da herança cultural e os desafios postos pela globalização / modernidade para o perspectivas intercultural.

FIC: O que é a cultura andina?

L.R.: É uma cultura de mais de 10 mil anos onde o homem tem uma íntima relação com a terra, com a água, com o cosmos. Ele tem sabido afirmar a vida, criar e ampliar a diversidade e a variabilidade genética não somente de animais mas também de plantas e do conjunto dos seres vivos que habitam a natureza.

FIC: O que é a herança cultural?

L.R.: É aquilo que recebemos de nossos antepassados, o legado que recebemos. Sem dúvida as culturas vivas, as culturas originais tem uma herança cultural mas não é uma herança estática, fria mas uma cultura que permanentemente está sendo recriada reformulada e através da comunicação verbal são formuladas novas iniciativas para as novas gerações.



Foto de Hamilton Faria,
com imagem de Luis Revilla

FIC: E por que é importante a herança cultural para os andinos?

L.R.: Porque a partir da cultura se tem uma maneira de viver e de compartilhar essa vida com os demais, No mundo dos Andes tudo é vivo. O homem vive dentro da natureza e não se separou dela. Como vive dentro dela, todas as suas manifestações são de mútua ajuda, mútua reciprocidade e uso o que não ocorre na cultura ocidental que é outra maneira de viver. No ocidente o homem vê a natureza como um recurso a ser transformado para ser colocado a seu serviço.

FIC: E a herança cultural corre o risco de sucumbir frente ao desenvolvimento da modernidade?

L.R.: Historicamente os habitantes dos Andes tem mantido uma firme resistência desde que chegaram os espanhóis. Tem sabido conviver com situações em que os conquistadores começaram a assassinar grandes populações. Tem sabido viver com a república, com grandes fazendas. Tem sabido viver com grandes transformações sociais, e não conseguiram quebrar a sua existência, suas formas culturais. E hoje estão mais presentes que há 50 anos atrás. Um simples exemplo: no começo do século no Peru haviam em torno de 20 comunidades camponesas e hoje se pode contar com mais de 5.000 comunidades que se tem construído a partir da suas próprias iniciativas sem presença do estado, sem liderança de partidos políticos ou de outros iluminados que pretendem conduzir os movimentos sociais.

FIC.: Qual o papel da mulher na preservação da herança cultural?

L.R.: A mulher tem uma atributo muito importante de manter os ciclos da vida, a regeneração da vida. Há também uma relação muito íntima entre homem e mulher. Os camponeses usam um termo Quechua Uk e sua tradução quer dizer um. Na realidade um é o casal. Para o andino não se concebe um macho sem fêmea. É do encontro dos dois que floresce a vida. Portanto o papel da mulher não é apenas o de reproduzir os seres humanos mas regenerar outros seres no ciclo da vida.

FIC.: E a interculturalidade? A herança cultural preserva e a interculturalidade se abre para outros valores do mundo, como você vê isso?

L.R.: Devemos reconhecer que neste ambiente de globalização existem culturas originais em todo o mundo. Mas há uma conjuntura que faz com que uma cultura predomine e atue com intolerância em relação a outras culturas. Quando falamos de interculturalidade falamos de uma relação horizontal entre as culturas e principalmente, entre as culturas originais e não somente com a cultura do ocidente moderno porque esta é uma cultura que domina

FIC.: Mas não há necessidade de interculturalidade com a cultura ocidental e branca?

L.R.: Sim, a cultura andina sempre tem a abertura para conversar mas temos que entender a desigualdade de relação que coloca a cultura ocidental cujos valores, categorias, forma de viver pretende universalizar. E isto parte também da grande proposta da globalização: ter um só pensamento, uma só conduta e não possibilitar que as flores e a diversidade de cores cresçam no campo. Nós apostamos na heterogeneidade, na diversidade e não na estandardização e na homogeneização. Então é um encontro muito duro. Como uma cultura que aposta na diversidade pode conversar com um cultura que tem todos os instrumentos de dominação para homogeneizar a vida?

(Entrevista realizada por Hamilton Faria da Secretaria Executiva do Fórum Intermunicipal de Cultura - FIC).

- Luis Revilla Santa Cruz, diretor do CESA – Centro de Serviços Agropecuários atua em Cuzco, Peru ccm

Artigos

10 razões antropológicas para preservar heranças culturais na perspectiva da interculturalidade

Hamilton Faria



1 - Herança Cultural - Encontrar o mito em um mundo desmitologizado, referências destruídas pelo brutalismo da modernidade, que pretende impor um modo de vida hegemônico.

2 - Herança Cultural - Afirmção da diversidade, fundamental para a construção de uma sociedade polifônica.

- 3 - Herança Cultural - Deter o fundamentalismo de mercado recuperando tradições perdidas, afirmando culturas vivas, viver com dignidade no mundo contemporâneo, tecendo o elo da solidariedade.
- 4 - Herança Cultural - Recuperar valores, afetos, sonhos e utopias no interior das comunidades ameaçadas por modos de vida tecnificados e racionalistas.
- 5 - Herança Cultural - Não é negação do moderno, atualiza-se, desenvolve-se, é vida. Escolhe caminhos mas não nega raízes. Cresce olhando para a frente e para trás.
- 6 - Herança Cultural - Direito à diferença, a expressar seus modos de vida, sua arte, seu olhar sobre o mundo.
- 7 - Herança Cultural - A poética do cotidiano, reencantar o mundo através de um novo diálogo com a natureza. Restaurar a compreensão e a poesia das coisas. Como diz Durand: "Não alienar nenhuma parte da herança da espécie".
- 8 - Herança Cultural - O direito à ancestralidade, interpretar e viver o mundo buscando a sabedoria das fontes criadoras.
- 9 - Herança Cultural - Criativa que possibilite novos diálogos e novas sínteses culturais. Diálogo plural com as fontes criadoras das culturas e todas as formas de saber, para construir uma nova visão de humanidade.
- 10 - A interculturalidade é a chave e a porta, razão aberta para esta nova visão. A ciência conversa com a arte a tradição com o moderno a poesia com a razão, os saberes "selvagens" com todos os saberes, mulheres e homens, negros e brancos, o certo com o improvável, o material e o espiritual - cada um do seu lugar e com o seu olhar - mas mudando de lugar e incorporando o olhar do outro para construir a humanidade plena, com todos iguais mas diferentes. "Are equals are different".

Com a interculturalidade jamais seremos os mesmo o outro estará em nós, e não haverá o horror ao desconhecido, aquilo que escapa ao universo de nossos signos palpáveis.

E então restaurar e afirmar as várias vozes e construir modos de vida culturalmente saudáveis.

Cultura e Globalização

Antonio Carlos Vovô dos Santos

Em nenhum outro período da História, a humanidade vivenciou transformações tão intensas quanto nesta segunda metade do século XX. Uma economia ditada pela tecnologia foi capaz de romper fronteiras, alterar costumes, derrubar tabus políticos e, principalmente, intervir em proporção de escala, nas culturas dos diversos povos. Tudo isso, entretanto, é apenas um perambulamento das transformações que estão por vir no século que se avizinha, numa intensidade que desafia a imaginação do mais otimista dos crédulos na Ciência.

Ingressar neste mundo globalizado como parceiro, e não como submisso a ordem imposta, é o principal desafio de países como o Brasil, que ainda hoje lutam contra barreiras do subdesenvolvimento que nos países de primeira linha são páginas viradas no século passado.

Todos esses aspectos da nova realidade mundial e do mundo que teremos no século XXI, estão sendo, aliás, exaustivamente debatidos em todas as esferas, inclusive através da mídia. O que queremos, entretanto, é chamar a atenção para um aspecto de importância fundamental no processo de globalização que, pelo menos no Brasil, tem ocupado um papel secundário nas discussões sobre o tema: o papel que representa a cultura em meio a este processo de internacionalização de tudo e de todos.

Em primeiro lugar queremos chamar a atenção para o fato de que, não por acaso, são os países de forte tradição cultural os que comandam os processos de globalização: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Itália, China, utilizaram as suas culturas como referencial, instrumento que os colocaram na liderança dessa nova ordem mundial. Aliás, a cultura foi o primeiro produto que os americanos impuseram em larga escala mundial. Primeiro o mercado foi dominado por Hollywood, para depois vir a Coca-Cola, os automóveis, o jeans, etc....

Ao contemplar este mundo globalizado, nos parece que o caminho mais seguro que nós, brasileiros, devemos percorrer para colocar no bolso o nosso ingresso no clube, é também através da cultura, que é, sem dúvida, o nosso principal diferencial produtivo, como país. É o produto que nos dá identidade, sem concorrentes no mercado, e que podemos impor como especialidade única Made in Brasil.

A oportunidade para definirmos essa estratégia é agora, às vésperas de um novo século e das comemorações dos nossos cinco séculos como Nação. Mas para isso, o primeiro passo é conhecermos e nos reconhecermos culturalmente, identificando, compreendendo e nos orgulhando das diferenciações culturais espalhadas pelo país, cujo conjunto nos dá a mais rica cultura do planeta.

*Antônio Carlos "Vovô" dos Santos é presidente do Ilê Aiyê
Membro da Coordenação Nacional do FIC*

Mulheres, herança cultural e interculturalidade

Vera Vieira



No inverno canadense de 1993, leio mais uma costumeira notícia de suicídio entre os índios. Um garoto indígena de 15 anos enforca-se utilizando algumas peças de suas próprias roupas. Sua mãe, inconsolada, explicou que, possivelmente, o filho não suportou o choque cultural, ao se mudarem de uma comunidade indígena, para a cidade de Thunder Bay.

Residindo num país considerado pela ONU como o que oferece as melhores condições de vida do planeta, fiquei chocada com as estatísticas que colocavam a população indígena canadense (dois milhões, de um total de 28 milhões) como a recordista em suicídio, consumo de drogas e presidiários. Como editora de um jornal brasileiro – Hora H News – fui entrevistar Vern Harper, 57 anos, 30 deles vividos na reserva Mistwaissa, no norte da Saskatchewan. Participante de movimentos de apoio aos nativos, desde 1970, em Toronto, Vern desabafou: “As crianças e jovens indígenas estão se suicidando porque perderam seus laços culturais e não conseguem ser assimilados pela sociedade branca, por não se sentirem aceitos. Nós sempre fomos vistos

como seres inferiores. Como é que podem, então, nos assimilar na sociedade se não nos consideram parte dela? A sociedade forçou os índios a se ‘integrarem’ mas não lhes deu a menor condição de sobrevivência, por querer aniquilar com seus laços culturais e tratá-los como seres inferiores”.

Cabe, aqui, este exemplo do Canadá – país que é considerado exemplo mundial de respeito aos direitos humanos, para que possamos refletir sobre a premente necessidade de revisão dos caminhos da humanidade neste fim de século, e ouvirmos com atenção a mensagem que trazem as mulheres para a construção de uma sociedade igualitária, baseada no respeito às diferenças, sejam de gênero, raça, etnia, classe ou cultura, em harmonia com a natureza.

A constituição e organização das sociedades são caracterizadas como patriarcais. As relações entre homens e mulheres, relações étnico-raciais e de classe são marcadas por relações de poder, que visam ao controle, onde as diferenças se tornam desigualdades sociais, numa sociedade legitimada por bens de consumo.

Numa época em que globalização é a palavra de ordem, um mundo economicamente integrado escancara ainda mais a opressão das chamadas minorias. Faz-se urgente o desenvolvimento da sensibilidade voltada para um olhar na perspectiva local, para que as riquezas culturais distintas não sejam ainda mais massacradas pelo “Global Village”, retardando desastrosamente a avanço da sociedade.

Se por um lado, as políticas neoliberais promovem um grande desenvolvimento tecnológico e comercial, por outro, elas são injustas e cruéis, pois nunca houve tanta fome, exclusão e pulverização de identidades como agora. E esse desenvolvimento desenfreado coloca em risco a mãe Natureza, que sofre com a exploração sistemática de seus recursos. Salvar a Terra: uma questão global, que afeta localmente a cada ser humano do planeta. Aí está uma causa a ser globalizada, entendendo-se por salvar a Terra, a integração da ecologia com a humanidade, respeitando - suas distinções de gênero, cultura, raça e etnia.

Sim, caminhamos para uma única sociedade global, com problemas comuns a todos os habitantes do planeta – como a ecologia e a fome – exigindo uma resolução global e coletiva. E a revolução global vai acontecer com a revolução local, do dia-a-dia, que irá abrir as portas para um diálogo com todos os seres humanos, independentemente de sexo, cor, raça, etnia, religião... É nessa perspectiva de integração que as mulheres entendem a necessidade de globalização,

resgatando-se o saber feminino para o avanço da sociedade.

O resgate do princípio feminino

“A conexão entre a mulher e a lua é uma crença universalmente mantida desde tempos remotos. O poder da mulher de gerar filhos, certamente uma das coisas mais misteriosas, era considerado um dom da lua e o sucesso de atividades que eram sua tarefa particular, como a agricultura, o crescimento das plantas, o cuidar do fogo e cozinhar a comida, dependia dos bons préstimos da lua. Para o homem primitivo, o ritmo mensal da mulher, no ritmo do ciclo da lua, deve ter parecido o resultado óbvio de alguma ligação misteriosa entre as duas” (M.Esther Harding).

“Princípio feminino da natureza”, “feminização do mundo”, “Olhar feminino” são expressões que vêm sendo utilizadas e que acolhem em seu bojo a tradução do dinamismo, atividade, criação, reprodução e regeneração. Em diversas culturas, a natureza é reverenciada e vinculada à mulher. “A redução da natureza a recurso passível de lucro traduz-se no modelo de desenvolvimento atual. No seu afã de conquistar mais e mais, ele reduziu a diversidade biológica, degradou os solos, gerou poluição, submeteu pelo dinheiro e pela cultura os povos que não têm esta mesma relação com a natureza. Em suma, desprezou os atributos femininos de recuperação, regeneração, manutenção da diversidade e da vida”, explica a física e ecofeminista Vandana Shiva, da Índia.

Mulheres, homens, índios, negros... estão todos num mesmo barco, incumbidos de vislumbrar a chegada do próximo milênio com a concretização do sonho da interculturalidade, para permear as relações entre povos e culturas, sociedades e Estado, com direitos humanos respeitados. Como bem define Rigoberta Menchú Tum, Prêmio Nobel da Paz, “as relações interculturais a construir, implica que deve dar-se a compreensão e a interação cultural, que sejam capazes de gerar o enriquecimento contínuo da cultura própria e o enriquecimento espiritual e material dos povos. É a abertura e a interação entre as culturas”.

- Vera Vieira, 43, é jornalista e coordenadora-executiva da Rede Mulher de Educação, residiu por oito anos no Canadá).

Anexo do artigo

“Mulheres, Herança Cultural e Interculturalidade”.

História que os historiadores não contavam: CURIOSIDADES ARQUEOLÓGICAS O Saber Feminino: coletar comida, cuidar de crianças, trabalhar com couro, fazer roupas, cestos, cozinhar, fabricar cerâmicas, trançar capins, fibras para cesto, fabricar contas e ornamentos com dentes e ossos, construir abrigos, fabricar ferramentas para vários usos não simplesmente agrícolas, lâminas de pedra afiadas para cortar tendões de animais, aplicação medicinal de plantas e ervas, desmembramento da caça. Você sabia? Por ser uma atividade permanente e cotidiana, é a coleta das mulheres e não a caça que sustenta a tribo? Que essa atividade foi pré-condição para a agricultura, pois permitiu ir reconhecendo as plantas silvestres “boas”? Que as invenções das primeiras ferramentas, cestos a jarros para estocar comida foram pré-condição para a “civilização”? Que o cuidado materno da cria foi fundamental para o futuro da espécie humana e que as primeiras famílias foram constituídas pelas fêmeas e seus filhos? “Um dia, uma folha me bateu nos cílios. Achei Deus de uma extrema delicadeza” (Clarice Lipector) (Fonte: Ciclos da Vida – Redeh- 1993)



A cidadania se realiza plenamente quando as diversas culturas que afetam o homem contribuem para que ele possa dividir com o próximo aquilo que conhece e faz; quando ele respeita o que faz e a maneira como o faz o seu vizinho – próximo ou distante. A maneira com que seu conhecimento invade “o outro” e permite-lhe que se deixe invadir, é tida como “forma de transferir experiência, provocar a discussão investigativa e firmar novos conceitos”.

Sempre me lembro do controvertido ministro Aloíso Pimenta afirmando, com coragem e seriedade (se bem que, na época, muito pouco compreendido pela “intelligentzia”), que “broa de milho também é cultura”. Estava certo, certíssimo, Sua Excelência. Ledo e crasso engano de quem pensa cultura como “bem de elite intelectualizada”. Tinha e tem razão o Ministro Pimenta; têm razão Patativa do Assaré e Affonso Romano de Santana. Fazem cultura artística e literária com muita honestidade. Está certíssimo Tiririca – o palhaço: leva ao povo a alegria descontraída do funambulo, embora não o faça de maneira a me agradar pessoalmente... O que não lhe será de grande pena, graças a Deus, Buda e Maomé, com profundas reverências a Tupã, Ogum e Oxalufã.

Ainda chegará o tempo de resgate dos cantores da noite, das cantigas de roda, dos cordelistas das feiras no Norte/Nordeste e das rendeiras do Ceará. São difusores da mais pura arte e vigilantes indomados de nossa herança cultural. Respeitar esses arautos de anjos e deuses, esses mananciais de alegria e testemunho, é tudo o que queremos é o caminho para amearhar e proteger os saberes de todas as idades, ou a divindade do homem. Não é excessivo repetir que uma política cultural que se preze e respeite não pode abrir mão do estímulo a todas essas manifestações espontâneas do belo imaginado. São material de estudo e deleite daqueles que, sendo cidadãos, sabem prezar coisas importantíssimas como cidadania, meio ambiente, arte, desenvolvimento sustentado e outras ferramentas de bem-viver.

Parece coisa de poeta? Que seja. O importante, além da rosa de Beaud, é criar; é também, preservar o ânimo criador, protegendo-o da sanha de alguns (poucos?) imbecis que, só daqui a algumas vidas, poderão estar preparados para o encontro com a harmonia.

*José Gomes Sobrinho – Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Tocantins.
Membro de Coordenação Nacional do Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC).*

O papel da Universidade na preservação da herança cultural

Sebastião Pimentel Franco

Em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como o Brasil, que sempre estiveram culturalmente explorados por potências econômicas, as Universidades têm um relevante papel a desempenhar, que é o de lutar para garantir a preservação da herança cultural do povo.

Por meio da produção e difusão da cultura, temos garantido a preservação da literatura, da música, do folclore e de outros valores locais, impedindo desta forma que percamos as nossas raízes, pois concordamos com Lucena quando afirma que “O povo que não preza as suas raízes desenraíza-se no tempo e no espaço e é presa fácil de sistemas de poder alienantes, de exploradores”.(1)

Apesar das enormes dificuldades financeiras que o país atravessa (e em particular as universidades federais), face à negligência e ao descaso do governo federal, muitas instituições Federais, têm produzido eventos artísticos e científicos de real importância, com enorme esforço e contando com o apoio de instituições particulares, grandes empresários etc. A importância das universidades em todos os estados da federação é indiscutível, sobretudo nas unidades da federação de menor porte político e econômico, onde, na maioria das vezes, só existe uma universidade. Essas instituições são, via de regra, responsáveis pela produção de ponta, sendo fomentadoras e propulsoras do que melhor é produzido nesses estados.

Exposições artísticas – científicas, encenações teatrais, concertos musicais, publicações, produções de curtametragens, produção de debates e seminários nos mais diversos campos do saber, são algumas das inúmeras realizações que as universidades brasileiras vêm propiciando à comunidades como um todo, ao longo das últimas décadas.

Por possuir a massa pensante profissionais mais competentes e qualificados, podem por isso mesmo as universidades desempenhar esse papel de vanguarda em todos os estados da federação.

Embora saibamos que existem algumas universidades particulares de grande quilate e que desenvolvem um belo trabalho cultural, são as estatais que realizam o melhor trabalho no campo científico. Isso se explica porque, por serem públicas e não visarem ao lucro, estão mais comprometidas e preocupadas em discutir e promover realizações na área da cultura.

As universidades, ao realizarem inúmeras ações na área da cultura e defenderem com extremo vigor a preservação das tradições e identidades regionais, têm conseguido uma inquestionável melhora qualitativa e quantitativa da produção e da difusão cultural. Manter essa produção deve ser sempre o nosso compromisso, uma vez que entendemos que nossa obrigação é manter e aprimorar o papel que as universidades vêm desempenhando em prol da cultura do País. É o que acreditamos e é por isso que devemos continuar lutando bravamente.

Sebastião Pimentel Franco – Secretário de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo e Membro da Coordenação Nacional do Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC).

Nota:

(1) Lucena, Célia Toledo. *Bairro do Bexiga: A sobrevivência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Herança Cultural: Tribos Urbanas

Celi Nogueira

As áreas livres que compõem a geografia de uma cidade são muito mais que um desenho urbanístico, sobra de um espaço ou ponto de dispersão do caos visual; nelas, formas de representações do imaginário urbano atuam através das linguagens de cultura, proporcionando à cidade visão singular de sua própria dinâmica. Procurando abordar novos aspectos na utilização destas linguagens, a análise de grupos e suas manifestações, são funções de uma forma específica de relacionamento social, ou mais genericamente característicos de estruturas sociais. BERNSTEIN fala em componentes lingüísticos (seleção, combinação e organização de palavras) e extralingüísticos ou paraverbais (ritmo, entonação e ênfase dados as palavras na frase, bem como gestos e expressões faciais).

Na relação sociedade/manifestação cultural as tribos urbanas muitas vezes informam mais sobre uma sociedade ou grupo social que a história oficial (escrita). Isto porque, sendo mais simbólica, freqüentemente escapa do nosso controle consciente. Além disso, o campo da comunicação não-verbal é amplo, incluindo a linguagem das cores, dos sons (que não sejam palavras) do movimento dos cheiros, das formas e do corpo humano. Na integração comunicação verbal, código e socialização, cores, sons e movimentos a comunicação intra-grupo e posteriormente uma comunicação do grupo produtor para grupos treinadores externos a ele. Quanto ao repertório utilizado está diretamente a função de sua proximidade com aquilo que representam e os processos de organização dos mesmos que tenham significados.

Há momentos em que o “divino” social toma corpo através de uma emoção coletiva que se reconhece em tal ou qual tipificação. O proletariado, o burguês podiam ser “sujeitos históricos” que tinham uma tarefa a realizar. Tal ou qual gênio teórico, artístico ou político participavam uma mensagem, cujo conteúdo indicasse a direção a seguir. Uns e outros permaneciam entidades abstratas e inacessíveis que propunham um fim a ser realizado. Em contrapartida, o tipo mítico tem uma simples função de agregação. Ele é um puro “continente” – exprime o gênio coletivo num momento determinado. DURKHEIM enfatiza a força de atração que faz com que alguma coisa tome corpo. E nesse quadro que se exprime a paixão, que as crenças comuns são elaboradas ou simplesmente se procura a companhia daqueles que pensam e sentem como nós.

Como preservar a cultura de um povo, como estabelecer o retraçamento da fisionomia cultural num momento onde a uniformização da linguagem impera? Nosso país é enorme com diversas geografias, e evidente que nem todas as manifestações foram lesadas, embora estejamos a caminho de uma linguagem sem sotaque, sem os diferenciais que as distinguem, sem os referenciais que nos permitam o reconhecimento regional.

A cultura brasileira decorre do sincretismo verificado pelo relacionamento entre grupos humanos que se encontram no Brasil, provenientes de origens diversas, e do surgimento, como criatividade cultural de diferentes manifestações como o Carnaval que poderia ser considerada uma vitória dos habitantes do subúrbio, talvez o prelúdio de uma reviravolta nas hierarquias sócio-econômicas e políticas.

Celi Noronha – Pesquisadora em Arte/Comunicação

As forças e energias culturais da sociedade brasileira estão se movendo constantemente, apesar de não parecer. Movimentos “invisíveis” da sociedade organizada e desorganizada estão operando transformações nos modos da vida que não são palpáveis. A sociedade e as comunidades fazem seu trabalho de articulação em torno da cultura: desde o artista individual até movimentos sociais (comissões, conselhos, coletivos, conferências, grupos etc). Falta, agora, a ação e os projetos dos governos nos vários níveis.

Em geral, os poderes públicos mobilizam os agentes e produtores culturais da sociedade para ‘vampirizar’ suas energias e entusiasmo culturais; ao tentar implementar as propostas dos grupos e movimentos, viram as costas para os compromissos assumidos. Os agentes culturais da sociedade (ONGs, sindicatos de artistas e produtores culturais, grupos literários, comitês culturais...) passam a ‘desconfiar’ dos interesses da mobilização cultural feita pelos governos: mas mesmo assim, o Comitê de Entidades Culturais de São Paulo está discutindo questões referentes às leis de incentivo à cultura e às plataformas culturais, interpelando as políticas culturais públicas. Os partidos políticos não desenvolveram uma política cultural integrada/interligada com as outras áreas ‘sociais’ de seus programas; artistas reclamam que organizações partidárias só os chamam para fazer o papel da ‘azeitona na empada’.

Em 1994, a sociedade civil se juntou e se organizou para elaborar e pensar propostas e programas culturais para os candidatos nas eleições daquele ano. Pelo que se vê, pouco ou nada foi feito que pudesse dar consistência a um projeto cultural para os estados e o país e, como diz o ator Renato Borghi, “Em ano eleitoral não tem política cultural”. Apresentamos para esse momento algumas indicações que possam servir de subsídio para a formulação de uma política de cultura nos três níveis de governo.

- O desenvolvimento da cultura

Promover o desenvolvimento cultural humano apontando novos caminhos para ação no país, estados e municípios; estimular o planejamento para o desenvolvimento a estabelecer políticas públicas com valores culturais que levem em conta a cidadania e as heranças culturais de grupos excluídos; pensar os planos de desenvolvimento municipal respeitando as diversidades regionais e locais; incluir a questão cultural nos planos diretores municipais e nos planos de governo.

- Patrimônio (vivo e construído) e herança cultural

Preservar os espaços culturais e monumentos apropriados pela população e os espaços afetivos do cotidiano. Recuperar a memória oral das cidades, dos grupos, movimentos e pessoas. Restaurar e refuncionalizar espaços e equipamentos em centros históricos e museus com o intuito de democratizar o acesso da população, preservando e respeitando as heranças culturais vivas. Revalorização e incentivo ao folclore é de suma importância por ser uma prática que traz consigo tradições ecléticas e sincréticas: em suas festas, preserva a memória social de comunidades, além de transmitir seus valores: o sincretismo é uma forma inovadora de produção cultural, juntando as tecnologias modernas e as bases ancestrais.

- Movimentos e grupos sociais étnicos e culturais

Valorizar os movimentos de mulheres e suas heranças culturais que trazem contribuição inestimável para a construção de novos valores culturais para o entendimento do humano. Estimular a abertura da sociedade para as culturas negra e indígena, bases da nossa formação cultural. Reforçar suas expressões artísticas, sua cozinha, suas práticas religiosas e de cura, seus mitos, rituais e tradições. Criar casas da memória afro-brasileira e da memória indígena em todas as regiões do país, como por exemplo, está acontecendo no Estado do Amapá onde o poder público está tombando e dinamizando, junto com a população, espaços africanos e indígenas. Junto com isso valorizar os movimentos ambientalistas e de defesa da vida, além de criar espaços para os diversos segmentos e grupos sociais: homossexuais, idosos, jovens, deficientes físicos, portadores da diferença não aceita pela nossa cultura tradicional. Conforme resolução da Conferência da UNESCO, *O poder da cultura*, é preciso “Renovar a tradicional definição da herança cultural, que hoje deve ser entendida como elementos naturais e culturais, que são herdados ou criados. Através desses elementos, os grupos sociais reconhecem sua identidade e se comprometem a passá-los às futuras gerações de uma forma melhor e mais rica.” (“Unesco aponta caminho para a cultura - Em defesa da vida cultural”, *Jornal do Brasil*, 03/04/98). Junto com isso é necessário bloquear a rapinagem cultural que o comércio inescrupuloso de bens e objetos culturais de países com grande riqueza cultural, como a Índia, a África, o Brasil e outros.

- Educação Cultural e Artística

Estimular valores de cooperação e solidariedade na vida social através de uma educação cultural que deve contribuir para a construção da cidadania baseada num desenvolvimento dos valores éticos e solidários. Reconhecer e apoiar a educação não-formal presente nos movimentos sociais, moradores de rua, meninos de rua, camponeses, índios, sindicatos e outras formas de educação popular (por exemplo, o MOVA está desenvolvendo um projeto de alfabetização no ABC paulista num trabalho integrador com jovens e adultos; ver também o importante **Projeto Alagoas Presente!**, coordenado pela Artista Plástica Marta Arruda, que trabalha a educação artística com crianças do estado de Alagoas.)

- A relação entre sociedade e órgãos de cultura e as leis de incentivo à cultura

Incentivar a participação majoritária da sociedade civil nos Conselhos Municipais de Cultura, Conselhos de Desenvolvimento Cultural, Conselho Nacional de Cultura e nas Fundações Culturais. Participação dos cidadãos, agentes e criadores em Fóruns Regionais de Cultura para definição de políticas culturais e ação dos equipamentos do Estado. Exigir a transparência e visibilidade das verbas e fundos públicos de cultura, incluindo o controle sobre os recursos aplicados através das leis de incentivo à cultura: as pesquisas mostram que a grande maioria dos projetos aprovados e executados são megaprojetos culturais que proporcionam retorno de imagem para as empresas que os financiam: quem vai financiar o pequeno produtor cultural ou aqueles não consagrados? Apesar da importância das leis de incentivo cultural no financiamento das culturas “maiores”, não é mais possível conviver com a penúria das culturas “menores”; faz-se necessário repensar, assim, o papel que essas leis jogam no cenário cultural mais amplo das culturas do país. Outra pergunta que tem de ser feita é: quem exatamente está se apropriando desses eventos culturais incentivados?

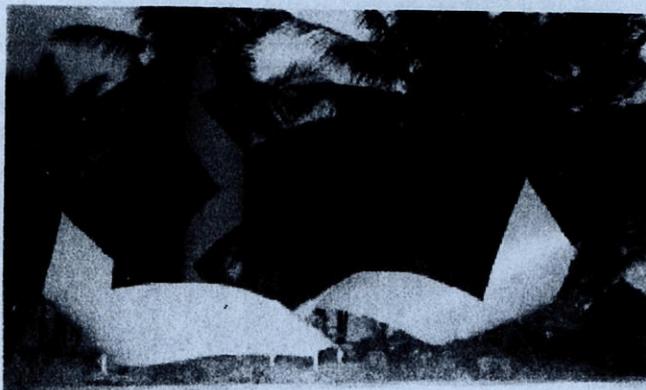
- Pesquisas culturais

Desenvolver pesquisas mapeando grupos culturais das cidades e regiões. Para isso, é importante a criação de cadastros culturais que registrem os diversos grupos, movimentos, comitês, fóruns que tenham atividades culturais. Faz-se necessária a divulgação ampla desses registros. Pesquisar comportamentos dos fruidores de cultura (arte): razões da utilização dos equipamentos, horários, mercados de cultura etc. Detectar parceiros da iniciativa privada que contribuam com a arte e a cultura pautados por valores éticos. Criar instituições que mantenham fóruns e grupos de estudo e reflexão relacionados à cultura contemporânea.

- A recreação cultural fora do mercado

Como sabemos a cultura econômica atual gerou um fundamentalismo de mercado feroz no qual só sobrevivem os mais fortes e os mais espertos nos "bolsões" de riquezas do mundo. A cultura não ia ficar muito tempo fora disso. Esta economia de mercado e da concorrência total tem como resultado "a destruição do conteúdo qualitativo da cultura" ("A cultura degradada", Robert Kurz, FSP, 15/03/98). Kurz propõe, no artigo acima citado: "Os produtores culturais talvez devessem associar-se em grupos, sindicatos, guildas, clubes e ligas anti-mercado, preocupados não em vender, mas salvar os recursos culturais da barbárie do mercado. Tal postura será diversa do conservadorismo cultural - sempre acorde com o poder -, sobretudo pelo fato de ligar-se aos humilhados e ofendidos e dar expressão cultural aos sofrimentos sociais, ao invés de harmonizar-se com o jovial positivismo dos oportunistas pós-modernos." Não é mais possível conviver com políticas culturais que privilegiem o mercado como via de mão única para a produção e criação cultural. Sabemos que grupos sociais já estão se organizando fora das imposições da economia de mercado para a reprodução da vida sócio-cultural-ambiental. Estamos passando da hora, mas a história não terminou, aliás está começando se uma certa "humanidade" não devastar de vez o que sobra de solidariedade e dignidade. O neoliberalismo é a fase e a face da barbárie da civilização: é hora de reinventarmos outra história do mundo.

- **Valmir de Souza** - Pesquisador e Professor do Instituto Pólis, Membro da Secretaria Executiva do Fórum Internacional de Cultura, Pós-graduando em Teoria Literária-USP.
- **Hamilton Faria** - Membro da Secretaria Executiva do FIC, Professor Universitário e Presidente do Instituto Pólis.



Marta Arruda "Sem Título", 1998

Os participantes da Conferência da UNESCO, o poder da cultura, realizada em Estocolmo neste ano de 1998, em suas resoluções, propuseram: "Promover novos laços entre os sistemas de cultura e educação que torne possível o reconhecimento pleno da cultura e das artes com dimensão fundamental da educação de todos." ("Unesco aponta caminho para a cultura - Em defesa da vida cultural", Jornal do Brasil, 03/04/98)

A ABRAÇO e a ARCEPI realizaram em Teresina/Piauí, no período de 24 a 26 de julho deste ano, o I Congresso Brasileiro das Rádios Comunitárias, tendo como tema "Rádios Comunitárias: Protagonistas da Comunicação Cidadã" e teve como objetivos "estabelecer diretrizes políticas para a participação das rádios comunitárias na luta pela democratização da comunicação; e articula o movimento de rádios comunitárias em torno para o exercício da cidadania".

O Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC) apóia o trabalho das Rádios Comunitárias no Brasil e a ABRAÇO faz parte da coordenação do FIC.

Notas Informativas

- 4 Projeto Resgate da Memória Fitoterápica ocorre há um ano e meio na Casa da Cultura do Butantã (sita à Av. Junta Mizumoto, 13, Jd. Peri Peri, Butantã, fone/fax 842.6218, órgão público da Secretaria Municipal de Cultura da PMSP). Neste, o trabalho cultural busca potencializar 03 dimensões básicas: resgatar pela memória oral pessoas que tenham necessariamente vivido e experimenta dos remédios caseiros/populares, aprendidos de seus antepassados (entrevistamos no biênio de 1997/1998, 17 depoentes com 116 receitas resgatadas); dinamizar a horta fitoterápica a qual possui cerca de 70 espécies de ervas medicinais plantadas pelos participantes e funcionários, nas dependências da Casa de Cultura, que ela seja um mostruário vivo, para conhecimento, principalmente, das novas gerações, e que possibilite desencadear uma discussão sobre o agir local, resgatando usos, e costumes de tradições fito-natuterápicas e da cultura sustentável/cultura ecológica. O projeto ocorrerá de agosto à novembro/98, onde os encontros/palestras serão as segundas feiras, das 08 horas às 12 horas. Entrada franca.

- 4 A Prefeitura de São José do Rio Preto e o Governo do Estado de São Paulo promoverão, no período de 22 de julho a 3 de agosto de 1998, o 18º Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto, que tem como objetivo promover, difundir e divulgar manifestações artístico-teatrais, destacar e divulgar talentos, contribuir para o intercâmbio entre produtores, artistas e realizadores e para o enriquecimento cultural do país. Nilton Filho, Secretário-Executivo da FETARGS e Coordenador do FIC, vai participar da Universidade Teatral de Verão, em Genebra na Suíça durante os meses de julho, agosto e setembro de ano para intercâmbio com atores e diretores de vários países, a convite do Centre International de l'Acteur - CITA. A Coordenadoria de Cultura de Ouro Fino realizou, em maio deste ano, o II Encontro Municipal de Cultura na cidade com o tema "Construindo uma Política Cultural" e contou com a colaboração e o apoio da Geração - Assessoria Cultural. Os agentes culturais do Sul de Minas Gerais de novo se preparam para participar do IV EIC, em Salvador/BA. A Área de Cultura do Instituto Pólis e a Escola de Governo do ABC oferecerão o Curso "Políticas Municipais de Cultura". O Instituto Pólis está preparando um Curso de maior duração sobre Cultura e Desenvolvimento Cultural a se realizar em sua sede ainda neste ano.

- 4 Vem sendo realizados, com o apoio do FIC vários Encontros, Seminários, Debates e Fóruns de Cultura em todo o território nacional.
- 4 Em Guarulhos foi realizado pela SMC, em maio deste ano, o I Encontro Municipal de Cultura para debater experiências e também o tema “Herança Cultural e Interculturalidade”.
- 4 A Fundação Municipal de Cultura de São Luís do Maranhão realizou, em agosto, o seu II Fórum Municipal de Cultura.
- 4 A UFES, através de sua Secretaria de Produção e Difusão Cultural, promoveu e realizou, de 18 a 20 de agosto, o Seminário “A Cultura em Discussão”.
- 4 A FUMBEL realizará o I Fórum Municipal de Cultura de Belém, de 5 a 8 de novembro deste ano.
- 4 No ABC está sendo formado o Comitê Regional das Sete Cidades, vinculado ao Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC).

Leitura

Após vários anos de espera, chegou a eletricidade a uma longínqua aldeia da África. Uma das primeiras coisas que os moradores fizeram foi uma coleta para comprar um televisor de um vendedor que passava pelo lugar. Muita gente de fora da aldeia havia falado maravilhas da televisão.

Durante os meses seguintes houve muito pouco de novo na aldeia, já que todos permaneceram ligados ao televisor. Então, um por um, os habitantes da aldeia se foram cansando, até que quase todos deixaram de olhar a televisão.

Um dia o homem que lhes havia vendido o televisor retornou, esperando vender muitos mais. Com estranheza, perguntou: “Diga-me, por que não estão olhando seu novo televisor?”

“Não o necessitamos” - responderam os moradores. “Temos o nosso próprio narrador”.

“Não crêem que o televisor sabe muito mais contos que o seu narrador?” - perguntou o vendedor.

Os moradores permaneceram um instante em silêncio. Finalmente um ancião disse: “Tem razão. O televisor sabe muitos contos. Provavelmente mais que nosso narrador” - fez uma pausa e continuou dizendo: “Mas nosso narrador... nos conhece.”*

* Conto narrado por Ron Evans, indígena norte-americano, no Festival Nacional da Narração, Jonesboro, Tennessee, outubro de 1982. Publicado no livro “La Expression Cultural y el Desarrollo de Base”, Fundación Interamericana (IAF), organizado por Charles David Kleymeyer, Virgínia, EUA, 1992.

Coordenação do Fórum Intermunicipal de Cultura

PÓLIS-Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais

Valmir de Souza / Hamilton Faria (Secretaria-Executiva)

Rua Cônego Eugênio Leite, 433

CEP: 05414-010 - Pinheiros - São Paulo - SP

Fones: (011) 853-6877 - fax: 852-5050

E-mails: polis@ax.apc.org - vsouza@polis.com.br

Home Page: www.polis.com.br

Serviço Social do Comércio (SESC/SP)

Francisco Ferron / Danilo Santos de Miranda

Av. Paulista, 119

CEP: 01311-903 - São Paulo-SP

Fone: (011) 3179-3710

fax: (011) 3179-3685

ferron@sescsp.com.br

IVALE-Instituto de Desenvolvimento e Pesq. do Vale do Jequitinhonha

Guilardo Veloso

Rua Rio Doce, 385 apto. 201 - São Lucas

CEP: 30.240-220 - B. Horizonte - MG

Fonefax: (031) 221-8100/241-1293/Celular (031) 973-1246

Email do Guilardo:

lapa@metalink.com.br

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

Antonio Carlos dos Santos Vovô

Rua Curuzu, 233 - Liberdade - CEP: 40365-000

Telefax.: (071) 388.4969 - Fone: (071) 256-1014

Associação Cultural Casa da Paz

Rua Antonio Mendes, 13

Pq. Proletário de Vigário Geral - Rio de Janeiro - RJ

CEP: 21010-690

Telefax: (021) 372.9373

E-mail: casada paz@ax.lbase.org

Marta Arruda (Artista Plástica - Escultora)

Rua 16 de setembro, 171

Maceió - CEP: 57014-060 Alagoas

Fone: (082) 223-8847 / 231-9477 - Celular (082) 972-3576

Fax: (082) 231-9581

Comissão Espírito-Santense de Folclore

Eliomar Carlos Mazocco

Av. Schwab Filho, s/n.

Bento Ferreira - Vitória - CEP: 29052-070

Fone: (027) 325-3755 - r. 227 - 227-4509

Fax: (027) 227-8590 - 349-3936

ABRAÇO - Associação Brasileira de Rádiodifusão Comunitária

José Luiz do Nascimento Sóter

CRS 504, BLOCO C, ENTRADA 15, SALA 101

Brasília - DF-

CEP 70.331-535

Telefax: (061) 322-3933 -974 98 39

FETARGS - Federação de Teatro Amador do Rio Grande do Sul

Nilton Filho

Rua Leão XIII, n. 50, apto. 41

Porto Alegre - 90050-130 - Rio Grande do Sul

Fonefax: (051) 221-7081 -

E-mail: hyro@cpovo.net

Secretaria de Produção e Difusão Cultural (UFES)

Sebastião Pimentel Franco

Avenida Fernando Ferrari, s/n.

CEP: 29060-900 - Vitória - ES

Fone: (027) 335.2370/2375 - Fax: (027) 335.2378

Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte

Luiz Dulci

Av. Andradas, 367 - 2º andar

Belo Horizonte - CEP: 30120-010 - MG

Fone: (031) 277-4621 - Fax: (031) 277-4630

Secretaria de Cultura e Esporte do Distrito Federal

Hamilton Pereira da Silva / José Luiz do Nascimento Soter

Brasília - Distrito Federal

Fone: (061) 225-0448 - 325 -62 10 Fax: (061) 321-6442

Conselho Estadual de Cultura do Tocantins

José Gomes Sobrinho

Praça dos Girassóis, s/n.

Palmas - CEP: 77003-900 - Tocantins - Fone: (063) 218-1476 Fax:

(063) 218-1491

Fundação Cultural de São Luís do Maranhão

Ananias Alves Martins

Rua Issac Martins, 141 - São Luis do Maranhão

CEP: 65051-150 - Maranhão

Fones: (098) 231-2364 (FUNC) - 973-1614

Fax: (098) 231-5698

Fundação Cultural Gregório de Mattos

Francisco Senna / Rogério Vargem

Rua Chile, 31

Salvador/BA - CEP: 40020-000

Fax: (071) 322-1495 - Fone: (071) 322-1486 - 322-1474

Conselheiros Regionais do FIC nos Estados

Alagoas

Secretaria de Cultura de Maragogi

José Carlos da Silva
Rua Floriano Queiroz Coutinho, 37 - Barra Grande
57955-000 - Maragogi - AL

Vicentina Dalva Lyra de Castro (Arte Educadora de Piaçabuçu)

Conjunto Artemisia, Bloco 8 "B" - Confrei - ap. 104 - Feitosa
57043-000 - Maceió - AL

Ceará

Francisco Átila Rodrigues

Rua Martinho Rodrigues, 1201
60411-280 - Fortaleza - CE

Reudson de Souza

Secretaria de Educação, do Desporto e Cultura de Icapuí
Rua Padre Marcondes Cavalcante, 100
62810-000 - Centro - Icapuí - Ceará
Fone: (088) 432-1101 / *Residência*: (088) 432-1238
AMECE - Associação de Municípios do Estado do CE)
Telefax: (085) 221-1677 - (Fortaleza)

Distrito Federal

Secretaria de Turismo

Johanne Elizabeth Hald Madsen
Centro de Convenções Ulysses Guimarães - Ala Sul - 1. andar
Eixo Monumental - Setor de Divulgação Cultural, s/n. - Brasília
- DF - CEP: 70070-350
Fone: 061.321.3318 - r 259 - Fax: 322-0685

Sindicato dos Escritores do DF

Gustavo Dourado (Armagedon)
SQS 204 Bloco D ap. 2005
70234-040 - Brasília - DF
Tel: (061) 223-2341 - 325-6156
Fax: 224-2738

Goiás

João Ricardo Pereira

Prefeitura Municipal de Chapadão do Céu -

Secretaria de Cultura

Av. Netuno - Centro
CEP: 75828-000
Chapadão do Céu - GO
Telefone (062) 634-1228

CIAFRO - Produções de Eventos

Carla Carvalho
Rua C 149 Qd. 342 It. 34 - Edifício Ouro Verde - apto. 102
Jardim América - Goiânia - GO
CEP: 74275-080
Fone: (062) 251-4303

Maranhão

Fundação Cultural de São Luís- FUNC

Natanael Ferreira
Fax: (098) 231-5698
Fones: (098) 231-2364 (FUNC) - 973-1614 - 235-0174 (casa)
João Everton
Suplente: Nunes do Acordeon

Minas Gerais

Paulo César (Coord. de Cultura de Ouro Fino)
Ouro Fino - Caixa Postal 88
CEP: 37570-000
Fone: (035) 441.1078 r. 27 -
Fax: (035) 441-1507

Grupo de Literatura e Teatro Transa Poética

Centro Cultural Hermes de Paula

Praça Dr. Chaves, n. 32 - Centro
CEP: 39400-005 - Montes Claros - MG
Telefone: (038) 229-3113 - 229-3114 e 229-3139 -
Fax: (038) 221-9210

Grupo Vozes - Vale do Jequitinhonha

José Pereira

Rua São Geraldo, nº 805 - Bairro Planraucaí
CEP: 39600-000 - MG

Paraná

Fundação de Cultura Artística de Londrina (FUNCART)

Rosa Abelin

Endereço: Rua Souza Naves, 2380
CEP: 86015-430 - Londrina - Paraná
Fone: (043) 321-2863
Fax: 326-4811

Fundação Cultural de Pato Branco

Diana Silveira
Caixa Postal 573
CEP: 85501-970 - Pato Branco - Paraná
Fone: (046) 224-1894 (casa)

Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Araucária

Luis Antônio Biscaia

Rua Pedro Duszczcz, n. 64

CEP: 83702-008 - Araucária - PR

Pernambuco

Secretaria de Cultura de Santo Agostinho

Piedade Marques

Fundação de Itapoatã

Carlos José Rocha Carvalho

Rua Saa e Souza, n. 400 - apto. 206 - Boa Viagem

CEP: 54310-640 - Recife - PE

Rio de Janeiro

João Duarte

casa: (021) 372-7790

Rio Grande do Sul

Prefeitura Municipal de Rolante

Sec. Turismo Rolante

Marcia Moraes e/ou Luciana Peres Corus (Assessora de
Imprensa)

Av. Getúlio Vargas, n. 110

CEP: 95690-000 - Rolante - RS

Santa Catarina

Fórum Permanente de Integração Turística e Cultural

São Paulo

Fundação Cultural de Jacareí

Ludmilla Saharovsky

Rua José Medeiros, n. 93 - Bairro Jardim Pereira do Amparo

CEP: 12300-000 - Jacareí - SP

Fones: (012) 351-0222 - r. 175 - 351-0710

Elizabeth Brait Alvim

Gestão Assessoria Cultural

Telefax: (012) 323-3211

Rua Teopompo de Vasconcelos, 375 - Apto. 171 - Vila Adyanna

CEP: 12243-830 - São José dos Campos - SP

Grupo de Cineastas de Guarulhos

Zirlanda Mencarini

R. Guarulhos, 312

CEP: 07022-002 - Gopouva - Guarulhos - SP

Fone: 209-3012 - 603-0737

Tocantins

Prefeitura de Gurupi

Gil Correia (Coordenador de arte e cultura)

Rua 4 - n. 1031

Fone: (063) 712-2476

Associação de Artes de Gurupi

Lucireiz Amaral

Telefone: (063) 851-1276



FUNDAÇÃO CULTURAL
DO DISTRITO FEDERAL

SECRETARIA DE
CULTURA
DISTRITO FEDERAL



GOVERNO
DO DISTRITO
FEDERAL
GDF